

# Labirinto nas ruas e muito mais céu

Entender o mapa e localizar a direção da Asa Sul e da Asa Norte parece simples, mas dirigir pela cidade é outra história. O gaúcho Douglas Szefer, 25 anos, desembarcou na capital há uma semana para ser assessor do ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto. Tem penado no trânsito de pistas largas. Outro dia, ele precisava ir ao Carrefour Norte. Errou tanto o caminho que foi parar na via Estrutural, que liga Brasília a Taguatinga.

"As pistas são largas, o trânsito é bom, mas às vezes quero ir até o prédio na minha frente e erro a entrada. Tenho de dar uma baita volta. Na minha cidade, é só pegar a próxima rua." Enquanto não compra o carro, a gaúcha Sônia Rüsler, 41, pega carona até o Ministério das Cidades com Dou-

glas, que está hospedado na casa que ela alugou, no Lago Norte.

Pelas barbeiragens do amigo, ela já se imagina no trânsito. Logo ela, que nunca gostou muito de dirigir. "Essa cidade é muito diferente. Parece que foi planejada para só se andar de carro", observa. Em Porto Alegre, a gaúcha usava muito o transporte coletivo e os serviços de táxis. "Os ônibus são bons em Porto Alegre, têm ar condicionado. E os táxis são baratos porque as distâncias são bem menores", explica a nova moradora, que mudou-se para Brasília para cuidar da agenda do ministro Olívio Dutra (PT).

Sônia está em Brasília desde 2 de janeiro, mas até agora aventurou-se pouco. Costuma almoçar no próprio ministério e conheceu a cidade por aquele tradicio-

nal tour panorâmico. Visitou a Torre de TV e levou a filha ao shopping uma vez apenas para comprar o material da escola. A menina, Alcía, de 10 anos, achou lindo o céu da capital. "Nossa, mãe, aqui tem muito mais céu!"

Na escola, a menina ficou tímida e confessou o embaraço para a mãe. "A gente fala *tu* e todo mundo aqui só fala *você!*", explicou Alcía, que começa a incorporar a nova palavra ao vocabulário. A mãe tenta adaptar-se também à capital, mas não quer render-se a alguns hábitos do brasiliense.

"Acho absurdo precisar de carro para comprar pão. Não quero ficar escrava do automóvel." No final de semana, lá vai ela até o *centrinho*, nome que inventou para o comércio local entre as QIs 5 e 7 do Lago Sul. São 20 minutos

de caminhada para comprar o pão e o leite do café da manhã.

Mas nem sempre é possível cultivar antigos hábitos: O gaúcho Cláudio Langone, 37, teve de dar adeus à rotina de deixar o governo na hora do almoço para ir andando pelo centro da cidade até um restaurante. "Eu tinha esse hábito de dispensar o carro e sair a pé para almoçar ou simplesmente tomar um café. Aqui, fica tudo longe e não tem feijão preto nos restaurantes", comentou o novo executivo do governo Lula, que entre um despacho e outro dá uma pausa para um gole no chimarrão.

Os forasteiros não trazem apenas reclamação. Muitos já começam a admirar Brasília. O verde, o silêncio, a amplidão dos espaços, o respeito no trânsito. Na capital,

o motorista pára diante da faixa de pedestre e evita a buzina. "O respeito à faixa é surpreendente", elogia o empresário Antônio Ayamar, 51, marido da diretora da Fundação Palmares, Bernadete Lopes, 46. O casal está à procura de uma escola para os três filhos. É a escola que definirá o local da casa deles na capital do país.

"Quero que meus filhos continuem com o hábito de ir andando para a escola", explica Bernadete. A família deixará Recife (PE), depois de 16 anos. Bernadete lamenta. "Eu falava que nunca moraria em Brasília. É tudo igual. Vou viver perdida aqui", disse a nova diretora, que já tomou a decisão de não morar nos apartamentos de seis andares do Plano Piloto. "Tenho muito medo de estar lá em cima. Quero uma casa".